



CADERNOS SESC DE CIDADANIA

ANO 7 NÚMERO II

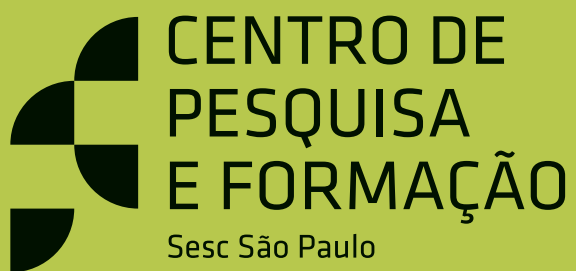
Sesc Bertioga: Educação e Sustentabilidade | 2016



sescsp.org.br

Sesc 70
anos

Sesc Bertioga: Educação e Sustentabilidade { ESPECIAL: Um Dicionário Amoroso com as palavras que levam ao futuro { REPORTAGEM: Reserva Natural Sesc em Bertioga, a floresta que ensina o amor à natureza { INTERVENÇÃO: A artista plástica Mônica Nador traz uma experiência de interdependência: “Arte, política e vida - é tudo uma coisa só” { ENTREVISTA: Precisamos ir mais longe na defesa de nossos sonhos de sociedade, destaca o professor Marcos Sorrentino



CENTRO DE
PESQUISA
E FORMAÇÃO

Sesc São Paulo

O Centro de Pesquisa e Formação do Sesc é uma unidade voltada à reflexão crítica e à produção de conhecimentos nos campos da educação, arte, gestão e mediação culturais.

Para saber mais, acesse o site: sescsp.org.br/cpf

SESC BERTIOGA: NOVOS SENTIDOS E PERTENCIMENTOS

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

EM SEUS 70 ANOS DE EXISTÊNCIA, O SESC AJUSTOU SUAS

premissas de trabalho alicerçadas em bases educativas, vislumbrando o empreendimento de ações passíveis de serem replicadas nas demais esferas da sociedade. Criada em 1948, a Colônia de Férias do Sesc, em Bertioiga, um dos primeiros modelos do gênero na América do Sul, foi uma estratégia para oferecer bem-estar aos trabalhadores no seu tempo de recuperação e lazer.

Sem se descuidar dessa vocação prioritária para o turismo social, implementou ações complementares de sensibilização e diálogo com a comunidade, como o Centro de Educação Ambiental (CEA), que sinalizam a preocupação de adequar sua gestão em sintonia com as demandas do entorno. A partir daí o trabalho da instituição neste município, com uma das mais expressivas taxas de crescimento populacional do Estado e com forte pressão imobiliária, vem sendo orientado por parâmetros de sustentabilidade, tanto nas instalações físicas do Centro de Férias, como na dimensão participativa e sistêmica da abordagem educativa empreendida naquele território.

Nesse sentido, a proposta de criação da Reserva Natural Sesc Bertioiga possibilitou desencadear um processo que busca documentar as diferentes etapas de implantação e destinação da área: desde estudos e pesquisas para diagnóstico,

com a mobilização e o envolvimento da população local e da comunidade científica para elaboração do plano de manejo participativo, até a sugestão dos desdobramentos educativos e socioambientais. Os resultados começam a aparecer e merecem ser compartilhados.

Difundir essa experiência pioneira cuja metodologia colaborativa de atuação é comprometida com a formação permanente para a cidadania e para a autonomia pode configurar importante subsídio para o estabelecimento de um outro estágio de comportamento social. Por isso, torna-se essencial contar com o interesse, a participação e o protagonismo das diferentes faixas etárias, com ênfase em uma rede de jovens e adolescentes, potenciais multiplicadores desses saberes.

Ao longo deste caderno, vários desses aspectos serão abordados em uma perspectiva multidisciplinar e transversal, a fim de inspirar ideias e ações para este novo tempo, que será tanto melhor quanto se possa avançar na substituição de padrões predatórios de relação com o ambiente por outros, a partir de intervenções e de contribuições locais, incentivando uma potente alfabetização ecológica, novos sentidos e pertencimentos, fundamentais para que uma transformação desse porte se efetive nos corações e mentes dos cidadãos. ■

índice }

Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo:



p.5
artigo Sesc
Como a sustentabilidade se tornou uma diretriz estratégica ao longo dos 70 anos do Sesc

p.7
artigo Sesc
O Sesc Bertiooga e as práticas que o fizeram evoluir de uma colônia de férias a um complexo socioeducativo

p.10
reportagem especial
Do que estamos falando mesmo? Conceitos, palavras e nomes de um Dicionário Amoroso do Futuro

p.20
intervenção
A trajetória engajada da artista plástica Mônica Nador, das galerias para as ruas

p.25
notas

p.26
áreas naturais
Como e por que conservar os territórios cobertos de vegetação nativa: o caso de Bertiooga

p.34
entrevista
Os sonhos de futuro do professor Marcos Sorrentino, especialista em educação ambiental

p.38
artigo
Reinterpretar as vibrações de nossa própria natureza é o primeiro passo para evoluir com a natureza — ou sem ela?



Foto Dani Sandrini



Acervo Sesc Bertiooga



Expediente

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

Cadernos Sesc de Cidadania Educação e Sustentabilidade

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS Hélcio Magalhães ADJUNTA Karina Musumeci
ASSISTENTES Rogério Ianelli e Érica Dias PRODUÇÃO DIGITAL Marilu Vecchio e Ana Paula Fraay GERÊNCIA DE RELAÇÕES COM O PÚBLICO Milton Soares de Souza ADJUNTO Carlos Rodolpho T. Cabral PORTAL SESC SÃO PAULO Malu Maia GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO PARA SUSTENTABILIDADE E CIDADANIA Maria Alice Oieno de Oliveira Nassif ADJUNTA Denise de Souza Baena Segura
ASSISTENTES Gabriela Graça Ferreira e Juarez Michelotti SESC BERTIOGA Marcos Roberto Laurenti ADJUNTO Henrique Barcelos Ferreira EQUIPE Emerson Luis Costa e Séfora Tognolo de Aguiar

EDITOR CACO de Paula PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Marcio Freitas
ASSISTENTE DE ARTE João Vitor Russo
TRATAMENTO DE IMAGEM Edson Sales
REPORTAGEM Gabriela Aguerre, Thereza Venturoli, Afonso Capelas Júnior e Otávio Rodrigues ANÚNCIOS Renato Ranzani e Denis Tchepelentyky

A revista Cadernos Sesc de Cidadania é uma publicação do Sesc São Paulo. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Versão on-line em sescsp.org.br

Sesc São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000 São Paulo - SP
Tel.: (11) 2607-8255

sescsp.org.br



APRENDIZADO PARA TRANSFORMAÇÃO

Como o pensar e o agir no coletivo se tornaram a estratégia de sustentabilidade do Sesc São Paulo

texto: Denise S. Baena Segura

VIVEMOS NUM AMBIENTE COM EXTREMO POTENCIAL CRIATIVO E, AO MESMO tempo, marcado por riscos que põem à prova nossa capacidade de viver com dignidade. Há um desafio colocado para todos: repensar nosso modo de viver, especialmente nos aglomerados urbanos. O estilo de vida predominante compromete a base de sustentação dos ciclos naturais e acentua a desigualdade, tornando o presente e o futuro incertos, sobretudo para parcelas da população mais vulneráveis socialmente. Esta dimensão é crucial para entender a sustentabilidade.

Por outro lado, tratar da sustentabilidade nos instiga a redescobrir o óbvio: o imenso patrimônio natural do qual fazemos parte é fonte inesgotável de beleza, de regeneração e de aprendizado. Questões primordiais, como “o que faz com que haja vida e do que ela precisa para se manter?”, nos colocam em contato com a surpreendente natureza e com a diversidade de interpretações possíveis que ela permite, da científica à poética.

Nossa capacidade de responder a estas questões fortalece competências voltadas às soluções para problemas socioambientais e, sobretudo, anima o espírito para o sentido de pertencimento à biosfera, o conjunto de vida em nosso planeta, e à coletividade humana. Como elemento forte da educação para a sustentabilidade,

sentir-se pertencente a algo que é maior que o universo individual de preocupações é fundamental para encorajar posturas favoráveis à conservação dos bens comuns.

Por isso, a difícil tarefa de construir sociedades sustentáveis passa, necessariamente, pelo reconhecimento do valor ético e político da diversidade da vida, e não só a humana. Esta é uma ideia que muda a forma de olhar tudo à nossa volta, pois faz pensar na trama que tece o “nós”.

E qual a conexão disso tudo com o Sesc?

As ações socioculturais empreendidas pelo Sesc têm o propósito de desenvolvimento humano, bem-estar individual, convivência com a diversidade, fruição, criação, melhor aproveitamento do tempo livre e participação na vida pública. As áreas de educação, cultura, saúde, lazer, esporte, turismo e alimentação criam oportunidades para que as pessoas interajam com o mundo e com o outro e dessa relação produzam significados para o dia a dia e a vida, para o universo subjetivo e objetivo de cada um, para o presente e o futuro.

Tratar de sustentabilidade neste contexto é convergente para a missão educativa da instituição. O caráter sistêmico e transversal da sustentabilidade se associa à concepção ampla de educação. Ao longo dos seus 70 anos, o Sesc foi se

Denise S. Baena Segura

Gerente Adjunta da Gerência Educação para Sustentabilidade e Cidadania do Sesc

transformando à medida que a sociedade ampliava a percepção, o debate e a internalização da responsabilidade socioambiental. Esse processo foi tornando nossos projetos e programas mais consistentes e permanentes, a ponto de tornar a sustentabilidade uma diretriz estratégica, que se relaciona tanto à necessidade de conservar os bens naturais quanto à garantia de participação democrática, entendendo que ambas colaboram para o alcance da justiça social.

Esses pressupostos fizeram com que o Sesc passasse a intensificar as atividades de educação socioambiental em sua programação. Hoje, técnicos e agentes de educação ambiental, além de especialistas contratados, propõem e realizam

vivências que tratam desde técnicas de plantio e conservação de espécies até debates, cursos e encontros sobre mobilidade urbana, economia solidária, consumo, gestão de resíduos, convivência em espaço público, entre outros assuntos.

Além das atividades educativas, há o trabalho de conservação e recuperação de áreas verdes em algumas unidades, a adequação de instalações de forma a diminuir o consumo de bens como água e energia, a incorporação de critérios de sustentabilidade na contratação de produtos e serviços e, mais recentemente, projetos arquitetônicos passíveis de certificação ambiental.

A relação ambiente (natural e construído) e educação conecta-nos ao propósito de criar espaços educadores. Ambientes onde a estrutura física e a prática educativa se somam para construir e difundir conhecimentos científicos, saberes populares e tradicionais vinculados à temática da sustentabilidade.

Nosso fazer educativo é um processo contínuo de relações que se voltam para a compreensão do que nos faz humanos e para os conhecimentos que nos nutrem para construirmos experiências mais significativas em conexão com o planeta. Nessa perspectiva, não há fronteira entre educação e ambiente.

O que estamos aprendendo com isso?

Como em todo processo educativo, os ingredientes essenciais são observação, interpretação, experimentação, diálogo, avaliação, compartilhamento. Tem sido estimulante apreender sobre o que está ao nosso redor e entender como podemos incrementar o “caldo” que alimentará com ideias, estímulos e vivências as pessoas que frequentam nossas unidades e participam de nossos projetos.

A educação para a sustentabilidade reúne conhecimentos e busca alinhá-los em um conjunto de valores éticos e atitudes responsáveis. Por fim, destaca-se que a vitalidade da proposta educativa posta em prática no Sesc vem da sua capacidade de diálogo com a realidade social. ■



Ao longo dos seus 70 anos, o Sesc foi se transformando à medida que a sociedade ampliava a percepção, a ponto de tornar a sustentabilidade uma diretriz estratégica

Sentir-se como parte de algo maior que o universo individual de preocupações é fundamental para encorajar posturas favoráveis à conservação dos bens comuns



MUITO MAIS DO QUE O DIREITO AO ÓCIO

As práticas que fizeram o Sesc Bertioga ampliar sua ação: de Colônia de Férias a complexo socioeducativo referência em sustentabilidade

texto: Henrique Barcelos Ferreira

SENTINDO A BRISA DO MAR, SEM PRESSA NENHUMA, NO CAMINHO ATÉ UMA atividade ou simplesmente ao testemunhar a tarde que cai, o visitante do Sesc Bertioga tem sua atenção atraída por tantas experiências, que nem sempre percebe tudo o que há por trás delas e do direito ao ócio que ali lhe é assegurado. O que para muitos pode parecer um simples local de descanso, igual a tantos outros, é uma imensa rede de serviços, práticas e programas construídos ao longo de décadas para oferecer uma estrutura única em seu gênero. Sobre os pilares do lazer, do turismo social, da cultura, da educação, da saúde e da cidadania, o Sesc Bertioga tem um vasto aprendizado a compartilhar. Nascido de uma pioneira colônia de férias, quase 70 anos atrás, o atual complexo socioeducativo e de lazer leva à prática a diretriz estratégica da sustentabilidade. Soma a poderosa ação transformadora da cultura ao clássico tripé social-econômico-ambiental e cumpre sua missão articulando um robusto conjunto de ações de gestão e educação ambiental.

Nossa história começa numa época em que poucas pessoas se davam conta da importância de inserir a questão do tempo livre no cotidiano dos trabalhadores. A relação entre ócio, bem-estar e desenvolvimento sociocultural dos indivíduos estava longe de ser tão bem

estabelecida como é hoje. Vivíamos os primeiros anos do pós-guerra quando o Sesc criou, em 1948, a Colônia de Férias Ruy Fonseca, hoje Sesc Bertioga. Havia 28 casas pré-fabricadas, que acomodavam pouco mais de 200 pessoas por vez. Hoje a unidade tem capacidade para receber cerca de mil hóspedes, em casas e conjuntos de apartamentos. As instalações de hospedagem, os equipamentos socioeducativos, de lazer e serviços ocupam mais de 400 mil m², dos quais, 38 mil m² são de área construída. Criada para desenvolver atividades de turismo social, a unidade vem ampliando seu campo de atuação e também o seu público. Hoje realiza um amplo conjunto de projetos, programas e eventos.

Crianças, jovens, adultos e idosos, sejam hóspedes, visitantes de um dia ou moradores da cidade, todos podem participar de uma vasta programação. A agenda de atividades é composta de práticas corporais, recreação, programas esportivos e sociais, oficinas criativas de valorização social e de desenvolvimento artístico, apresentações musicais, espetáculos de teatro e de dança, apresentações circenses, exibições de filmes, intervenções literárias e em artes visuais. Inclui ainda ações educativas nas áreas de diversidade cultural, sustentabilidade, saúde, alimentação e nutrição. As ações estão

Henrique Barcelos Ferreira
Gerente Adjunto do
Sesc Bertioga



Três iniciativas marcantes ajudam a entender a construção coletiva, que parte da observação, articula interação com conhecimento e se expande em uma ampla ação no território



pautadas no favorecimento do convívio social, no respeito às diferenças, no fortalecimento das relações humanas e no acesso a bens culturais e ao conhecimento necessários à promoção da qualidade de vida e desenvolvimento integral de seus frequentadores. Com tal multiplicidade de temas, em ambiente agradável de convivência, o Sesc Bertiooga oferece atividades, espaços e experimentações, de modo a permitir que o precioso tempo disponível de seus visitantes seja apropriado como tempo criativo para autoformação e oportunidade privilegiada de usufruir o ócio.

Localizado no sopé da Serra do Mar, com área verde preservada de cerca de 2 milhões de metros quadrados, o Sesc Bertiooga reúne condições naturais únicas para desenvolver sua missão de espaço educador, voltado à temática socioambiental. Sua abordagem de aspectos da biodiversidade e das culturas locais é feita em forma de passeios, vivências, oficinas e encontros educativos. Assim, amplia-se o entendimento e a participação dos atores sociais na discussão sobre territórios sustentáveis, conservação da natureza e questões socioeconômicas e culturais, imprescindíveis ao desenvolvimento equilibrado das cidades. O respeito pelo ambiente e o fortalecimento do contato com a natureza estão presentes desde o início.

Alguns bons exemplos — nem sempre muito visíveis, embora vitais — são a captação de água da serra, o sistema de tratamento de esgotos, que evita a contaminação das praias, e o viveiro que se utiliza de mudas de espécies vegetais, preferencialmente nativas, para manutenção e conservação dos jardins.

Nas áreas verdes no Centro de Hospedagem desenvolve-se um projeto de paisagismo alinhado ao conceito de ecogênese. Essa abordagem orienta a reconstrução da paisagem modificada valendo-se da proposta de reconstituição das suas características originais. Assim, a vegetação vai sendo recomposta com espécies nativas da restinga, zona de transição entre a floresta e o litoral. Nesse cenário e em seu entorno avança o bem sucedido programa “Lixo: Menos é Mais”, que mobiliza funcionários e frequentadores, com a proposta de repensar padrões de consumo e produção de resíduos. Neste local tão adequado a compartilhar conhecimentos, realizamos ações formativas — grandes discussões de temas de interesse público, pautadas por critérios de relevância sociocultural e transversalidade. Em 2014 o Sesc Bertiooga recebeu a Conferência Internacional de Educação Ambiental e Sustentabilidade “O Melhor de Ambos os Mundos”, realizada em parceria com a Universidade de São Paulo. Criada em 1998 pela University

of South Africa para favorecer o compartilhamento de experiências em educação ambiental e educação para o desenvolvimento sustentável, a realização da Conferência tem contribuído para fortalecer redes articuladas nessa área.

O atual estágio de pensamento e ação do Sesc Bertioga no plano socioambiental é fruto de um longo processo de aprendizado. Nas últimas décadas, três iniciativas marcantes ajudam a entender a construção coletiva, que parte da observação, articula interação com conhecimento e se expande em uma ação no território. Dessa forma, ativa novas redes sociais, culturais e ambientais. Numa linha hipotética, que mostrasse o Sesc Bertioga desde seu início como Colônia de Férias até sua transformação no atual espaço educador, um momento de destaque seria o ano de 1992, com a implantação do projeto Avifauna.

Criado com a intenção de recuperar a flora original para manutenção da avifauna local, que se havia afastado, o Avifauna hoje é um grande conjunto de ações. Cobre desde um estudo das mais de 180 espécies de aves que ocorrem na unidade e arredores, até estratégias para sua atração e permanência — como instalação de comedouros e bebedouros e plantio de espécies vegetais. Seus resultados incluem compartilhamento de aprendizados, como uma publicação sobre o tema e atividades formativas, além de eventos e programas permanentes de observação com o público. Esses resultados provam que observar o entorno, reconhecer-se no ambiente, regenerando-o e aprendendo com ele, é também um caminho para transformar-se.

Outro marco dessa transformação do Sesc Bertioga deu-se com a criação do Centro de Educação Ambiental, CEA, em 2008. Trata-se de um espaço concebido para que as pessoas possam interagir com o conhecimento sobre o ambiente. Utiliza-se de recursos cenográficos,

expográficos e elementos lúdicos para abordar a biodiversidade e as culturas locais. Com o tema “Entre a Serra e o Mar”, seu foco é a realidade onde se insere, a Mata Atlântica, um dos biomas mais ameaçados do Brasil. O CEA estimula o convívio e ações educativas para estudantes e hóspedes, além de ações comunitárias sobre formas mais sustentáveis de desenvolvimento local.

Se com o Avifauna o aprendizado foi o da observação e com o CEA o da interatividade com o conhecimento, o novo marco se dá com a criação da Reserva Natural no Sesc Bertioga. Com mente de instituição sociocultural e coração de Mata Atlântica, o Sesc Bertioga abraça a diversidade cultural e ambiental e realiza sua grande missão educacional. Trata-se de aplicar no território o pensamento central da estratégia. O binômio educação e ambiente, nesse estágio, deixa de ser uma diretriz circunscrita aos limites da unidade para ampliar-se numa ação conjunta com a comunidade do entorno. Com grande potencial para receber ações permanentes, voltadas à conservação, ao turismo e à educação socioambiental, a área, de cerca de 60 hectares, está em vias de ser reconhecida pelo poder público como Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN).

Vemos a educação para a sustentabilidade como elemento de transformação cultural. Buscamos desenvolver ações de sensibilização e formação dos públicos interno e externo, para a compreensão das inter-relações entre sociedade e ambiente. Assim, ajudamos a promover valores, conhecimentos e atitudes que contribuam para o equilíbrio socioambiental e que estimulem a atuação cidadã. Em constante aprendizado, o Sesc Bertioga amplia e aprimora seu trabalho de responsabilidade social junto à comunidade da região, fortalecendo o compromisso da instituição com a promoção do bem-estar e da qualidade de vida, hoje e para as futuras gerações. ■



Com mente de instituição sociocultural e coração de Mata Atlântica, o Sesc Bertioga abraça a diversidade cultural e ambiental e realiza sua grande missão educacional



DICIONÁRIO AMOROSO DO FUTURO



Em busca de uma linguagem que se assemelhe mais à diversidade de relações de uma floresta do que às limitações de uma máquina

texto: Caco de Paula
(com colaboração de Gabriela Aguerre
e Afonso Capelas Júnior)

Sf. Caráter ou condição daquilo que é acessível. Possibilidade de aproximação, característica de local ao qual se pode chegar.
acessibilidade

S.f. Neologismo que resgata o antigo substantivo que define uma prática de produção agrícola sustentável cada vez mais utilizada, que está ajudando a preservar o meio ambiente.
agrofloresta

S.f. Afetividade emocional inata dos humanos para com os fenômenos da vida: instinto de preservação.
biofilia

S.f. Em Ecologia é a diversidade de vegetais e animais que se interrelacionam e convivem num espaço comum que pode ser um ecossistema.
biodiversidade

Verbo. Às vezes é preciso desaprender para poder aprender. (ver aprender).
desaprender

S. m. Da definição clássica do diálogo com ideia de discussão de conceitos e opiniões em direção ao entendimento.
diálogo

Expressão paradoxal que refere-se ao valor de escolhas minimalistas.
menos é mais

Comunhão de interesses e dependência recíproca, vem da mesma raiz que sólido.
solidariedade

Quase cada vez mais frequente o uso do prefixo trans (através de, para além de) já marca uma era de mudanças rápidas. O ilusório mundo organizado em caixinhas.
o presente é trans

Pensar em sustentabilidade é alimentar uma idéia de futuro. Um futuro que se produz agora, com escolhas conscientes e instruídas, ao qual somente chegaremos se nosso pensamento e ação puderem ser mantidos, conservados, equilibrados, enfim, sustentados ao longo do tempo. Para construir esse futuro e não apenas mais uma repetição do passado em nova roupagem, é necessário abraçar conceitos, palavras e nomes que não fazem parte de nosso repertório comum. Algumas delas são novas e muitas vezes parecem indecifráveis, pois ainda estão naquela forma que o poeta Manoel de Barros chamava de “estado de larva”. Borboletas todos veem e entendem. Mas larvas não voam, nós não as entendemos muito bem. Temos pressa, não podemos esperar até que voem. E porque ainda não voam, ou já não voam mais, não queremos saber delas.

Há outras palavras que não são propriamente novas e que estranhamos porque são novas ao menos para nós, não faziam parte de nosso mundinho cotidiano. São as palavras das outras tribos, artes e ciências que não as nossas. E que vemos como ameaça ao nosso sossego porque seria muito mais cômodo continuar sabendo apenas o que acreditamos saber em vez de nos arriscarmos diante de outros saberes, o que nos obrigaria a ouvir — e procurar entender — os outros.

Às vezes são palavras antigas usadas em novos contextos, ou termos empoeirados que precisam de um polimento. Precisaremos querer aprender e experimentar um novo dicionário, um dicionário amoroso. Dicionário por-

que busca sentidos. Amoroso pelo que o amor tem de aceitação e também pelo que o amor tem de compromisso. Um dicionário que nos ajude a ter disposição para o diálogo e que aceite palavras-larvas, palavras que não voam e palavras dos outros. Para isso é preciso voltar o interesse para as coisas do chão, ter consciência dos resí-



É preciso disposição
para um diálogo que
aceite e compartilhe
palavras-larvas,
palavras que não voam
e palavras dos outros



duos que produzimos, vermos a nós mesmos como parte da natureza e não como seres apartados dela. Precisamos adotar um pouco a atitude do apanhador de desperdícios, maravilhar-nos com a idéia dos rios voadores, dar o devido valor à floresta úmida e lembrar-nos da origem comum das palavras economia e ecologia.

Este é um convite a enxergar um futuro através de conceitos e nomes que emprestamos de múltiplas ciências, das artes e da tecnologia, de culturas diversas, de termos de outras tribos, e nomes ainda no estado de larvas. Precisa ser assim se quisermos que nosso pensamento se assemelhe não mais a uma limitada engrenagem e sim a uma complexa floresta com toda a sua riqueza de relações, seu funcionamento sistêmico, seu poder autorregenerativo e, principalmente, sua capacidade de sustentar a diversidade, a vida e o futuro. Agora é a melhor hora para ir à floresta, aprender com ela e enxergar as palavras que nos levarão ao futuro. Enxergá-las não apenas envolvendo os conceitos que lhes dão origem, mas vendo-as aplicadas no território, fazendo sentido na vida real e na floresta. É hora de cultivar coletivamente palavras prósperas, duráveis e compartilháveis. Serão muitas. Serão milhares. Começemos agora com estas três ou quatro dúzias de palavras, breve lista com uns poucos verbos e adjetivos e muitos substantivos, principalmente femininos que, por proximidade, interesse e compromisso, reaprendemos ou começamos a aprender em nossas andanças e conversas pelo Sesc Bertioga — e que escolhemos para iniciar este DICIONÁRIO AMOROSO DO FUTURO. ■

sf. Caracter ou condição
da coisa ou pessoa que
é acessível. Possibilidade
de aproximação,
característica de local
ao qual se pode

S.f. Neologismo que
resgata antigos saberes e
define uma prática
de produção agrícola
sustentável cada vez
mais utilizada, que está
ajudando a recuperar
biomas como a Mata

água

S.F.

{ Se diz que
no início
eram
somente
elas

Depois é que veio o murmúrio dos corgos para
dar testemunho em nome de Deus

(MANOEL DE BARROS)

(ver floresta úmida, interdependência, Mata Atlântica, rios voadores)

acessibilidade

S. f. Condição daquilo ou daquele
que é acessível.

A palavra traz uma proposta de inclusão carregada de significados. Oferecer meios e equipamentos para que pessoas com mobilidade reduzida ou com deficiência possam alcançar lugares e experiências antes inacessíveis é uma forma de garantir direito à circulação, informação e qualidade de vida. No meio urbano, calçamentos, prédios com rampas e outras soluções têm-se tornado mais frequentes em museus, bibliotecas, espaços culturais e escolas. Na Reserva Natural do Sesc em Bertioga este cuidado permeia o programa educativo de visitas e imersões na Mata Atlântica. As trilhas permitirão a circulação de todos os públicos.

agrofloresta

S. f. Neologismo que resgata antigos saberes e define uma prática de produção agrícola sustentável cada vez mais utilizada, que está ajudando a recuperar biomas como a Mata Atlântica.

É a arte de plantar combinando espécies agrícolas em meio a espécies de floresta nativa em uma mesma área. Essa técnica tem muitas vantagens. Uma delas é melhorar a produtividade na lavoura eliminando o uso de agrotóxicos e pesticidas, já que as espécies nativas atraem predadores naturais de larvas e insetos. Também permite aos agricultores a regeneração de porções de matas nativas em suas terras. Assim é possível aliar produção de alimentos com conservação da natureza.
(ver bioma, biodiversidade, economia, educação, interdependência, Mata Atlântica, sistêmico)

apanhador de desperdícios

Substantivo masculino criado pelo poeta pantaneiro Manoel de Barros (no poema O apanhador de desperdícios).

Antecipa uma visão de mundo que dá mais valor à aparente insignificância das coisas do chão, na natureza, do que aos símbolos de uma era tecnológica, veloz e distante do chão.



Uso a palavra para compor meus silêncios
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
E fui aparelhado para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.



(ver resíduos, menos é mais, observação)

aprender

“Ninguém ignora tudo.
Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma
coisa. Todos nós ignoramos
alguma coisa. Por isso
aprendemos sempre”

(PAULO FREIRE)

Verbo derivado do Latim ‘apanhar’, aprender ou ‘adquirir conhecimento’ é uma palavra associada a ação, esforço, movimento, com frequentes analogias a imagens ativas, como ‘colher’, ‘agarrar’, ‘tomar o conhecimento’. Aprender é, principalmente, um processo a partir de experiências, uma construção. Pessoas aprendem com experiências. Organizações buscam maneiras de aprender e disseminar conhecimento. Dizem os etimologistas que no Português do século XIII surgiu a palavra desaprender como variação de ‘desprender’, ‘soltar’, ‘desatar’. Como ninguém sabe tudo e estamos aprendendo sempre, para aprender é preciso apreciar os diversos saberes e conhecimentos, assim como dialogar com eles. Em tempos de transição para um mundo mais equilibrado nas relações entre seres humanos e de todos com o ambiente, talvez haja proveito em desaprender alguns conceitos para fermentar outros. A começar por desaprender de ver a natureza como “aquilo”, excluindo-se dela.
(ver diálogo, interdependência, sistêmico, trans-)

arquitetura sustentável

S. f. Conceito que procura minimizar o impacto ambiental de construções com o uso mais eficiente de materiais, energia e espaço e a valorização de áreas verdes.

O conceito de arquitetura de baixo impacto ambiental está presente nos atuais conjuntos de apartamentos da unidade Sesc Bertioga. A organização dos novos conjuntos foi feita de forma a utilizar recursos naturais para obter índices adequados de conforto em local de grande umidade, quente e com constantes calmarias. A arquitetura desenvolvida cria áreas de sombra e ar fresco e favorece a ventilação cruzada, o que permite a adequada renovação de ar.

(ver *sistêmico*)

avifauna

S. f. O conjunto das aves de uma região; a fauna ornitológica regional. Proteger a avifauna é um trunfo para conservar áreas naturais e até recuperá-las.

Aves são grandes polinizadores, reflorestadores natos. De voo em voo dispersam sementes que germinam e multiplicam o verde. O Sesc mantém, desde 1992, um projeto ambiental com esse nome. Do projeto nasceu o livro *Aves de Bertioga*, 2012, 2ª ed. Edições Sesc São Paulo. Cristiane Demétrio e Luiz Sanfilippo (Org.).

biodiversidade

S. f. Em Ecologia é a diversidade de comunidades vegetais e animais que se inter-relacionam e convivem num espaço comum que pode ser um ecossistema ou um bioma.

Diversidade de vida é a síntese do significado da palavra. Surgiu da expressão “diversidade biológica” disseminada pelo ecólogo norte-americano Thomas Lovejoy, em 1980, da qual derivou o termo moldado em 1985 pelo pesquisador inglês W. G. Rosen. Preservar a biodiversidade é proteger a riqueza e variedade de vida na forma de plantas, animais e microrganismos essenciais à manutenção do equilíbrio do planeta e do próprio ser humano.

biofilia

S. f. Afetividade emocional inata dos seres humanos para com os fenômenos da vida; instinto de preservação.

Embora a definição do dicionário formal seja resumida como “instinto de preservação”, a palavra caiu na graça de pesquisadores e estudiosos de meio ambiente, em 1984, quando passaram a utilizá-la para interpretar o amor à natureza ou à vida.

bioma

S. m. Vem do grego *bios*, ‘vida’ + *oma*, ‘massa’.

É uma grande comunidade de plantas e animais que ocupa uma região distinta definida por seu clima e vegetação dominante. Pastagem, tundra, deserto, floresta tropical úmida e florestas de coníferas são todos exemplos de biomas. Biomas podem ser definidos como conjuntos de ecossistemas semelhantes que atingiram um ponto de estabilidade, ou clímax. O Ministério do Meio Ambiente (MMA) lista os seis biomas de características distintas no Brasil: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. A restinga, zona de transição entre a floresta e o litoral – característica de onde se localiza o Sesc Bertioga – é um ecossistema associado ao bioma Mata Atlântica.

(ver *biodiversidade*, *biofilia*, *biosfera*, *ecossistema*, *Mata Atlântica*, *restinga*).

biosfera

S. f. Conjunto dos ecossistemas da Terra; ecosfera.

Conjunto das partes do planeta, incluindo regiões da litosfera, hidrosfera e atmosfera, onde existe ou pode existir vida. Em síntese, biosfera é a “esfera da vida” – nosso planeta, enfim – e sua íntima relação com os seres vivos, o que os inclui a todos. O ambientalista britânico James Lovelock foi ainda mais longe: acenou com a Teoria de Gaia, que determina que a Terra é um ser vivo e os seres humanos, seu sistema nervoso.

(ver *bioma*, *biofilia*, *biodiversidade*, *ecossistema*, *interdependência*, *sistêmico*)

comércio justo

S. m. Trocas comerciais feitas com a preocupação de promover a igualdade social, a proteção do ambiente e a segurança econômica. (ver *felicidade*, *interdependência*, *solidariedade*)

compostar

Verbo de aplicação cada vez mais necessária no cotidiano de residências e organizações, já que grande parte dos resíduos gerados no Brasil são orgânicos.

Compostagem é um processo de decomposição controlada de resíduos, conhecida há séculos, que transforma sobras de alimentos e de jardim, dentre outras, em adubo. Como ação do programa Lixo: Menos é Mais, do Sesc São Paulo, está em desenvolvimento a implantação de uma Central de Compostagem no Sesc Bertioga. Será um sistema para processar todas as sobras de alimentos e restos de podas da jardinagem. Há algumas formas simples de compostar nas residências, como os minhocários. O efeito direto é diminuir a produção de rejeitos que vão para os aterros, poupar recursos naturais e reintroduzir nutrientes no solo, em vasos, jardins e hortas. *(ver lixo, menos é mais, resíduo, sistêmico)*

corredor ecológico

S. m. Faixa de vegetação natural, ou seminatural, que cria comunicação entre áreas naturais preservadas, suscitando o fluxo de genes, de plantas e de animais.

Em síntese, é uma conexão vital, uma estrada para a vida. Os corredores ecológicos interligam importantes mosaicos de vegetação nativa que estão isolados. Desta forma, animais e plantas conquistam um território mais amplo para enriquecer seus genes, procriar, multiplicar-se. Os corredores também podem permitir o convívio das pessoas com a natureza, principalmente em espaços urbanos, na forma de praças e parques lineares, por exemplo. *(ver biodiversidade)*

desaprender

Verbo. Às vezes é preciso desaprender para poder aprender. *(ver aprender)*

diálogo

S. m. Da definição clássica do substantivo com ideia de discussão de conceitos e opiniões em direção ao entendimento e à harmonia, a palavra agora também é entendida como técnica a ser praticada, estudada e ensinada.

“Mediação, negociação, processos circulares restaurativos, arbitragem, conciliação são práticas sistêmicas não adversariais que abordam os conflitos de modo a resolvê-los e transformá-los construtivamente”, propõe a Fundação Palas Athena, em São Paulo. A prática dialógica, portanto, desempenha um papel central na qualificação da escuta e entendimento mútuo. Exemplo disso é o chamado diálogo de saberes e conhecimento, que se estabelece numa relação de ensino-aprendizagem e um encontro do conhecimento científico, sistematizado, com o conhecimento ou saber popular fruto da experiência de vida. *(ver diversidade, interdependência e solidariedade)*

diversidade

S. f. Qualidade de ser diverso, diversidade, característica única, estranheza.

Eis aqui o caso de uma palavra que, depois de arejado o seu conceito, trocou de sinal. O termo, que já teve parte de seu significado com sinal negativo (“maldade, perversidade”), pela via da “contrariedade, contradição, desacordo”, hoje é quase um sinônimo de virtude. Diversidade, no sentido moderno de reconhecer e respeitar o que é diverso (em etnia, gênero, identidade sexual e opinião, por exemplo) é um conceito cada vez mais usado para denotar riqueza nas relações humanas. *(ver biodiversidade e interdependência)*

cidade



– Na sua opinião, o que é mais importante numa cidade?

– O jardim – respondeu Tistu.

(MAURICE DRUON, em *O Menino do Dedo Verde*)

eco, a casa

Não é por acaso que as palavras ecologia e economia vêm de uma raiz comum, *oikos*, do grego, ‘casa’.

Ecologia, ramo da ciência que lida com a relação dos seres vivos com seus ambientes é uma palavra relativamente nova, com menos de 150 anos. Economia, como administração da casa, é alguns séculos mais antiga. Mas os dois conceitos não se opõem. Pelo contrário. Questões de economia deveriam estar mais presentes na discussão ambiental e vice-versa — já que são decisões econômicas, resultados do embate político, que determinam ações com impacto humano no ambiente.

ecogênese

S. f. Modelo teórico de reconstituição da ambiência natural por meio do replantio de espécies vegetais remanescentes, aplicando um método de trabalho transdisciplinar, com participação de profissionais de várias áreas. Teoria desenvolvida nos anos 1940, por trabalhos dos botânicos Henrique Lahmeyer de Mello Barreto e Luiz Emygdio de Mello Filho e pelo paisagista Roberto Burle Marx. O paisagista brasileiro Fernando Chacel é um expoente da aplicação desse método em grandes projetos de recuperação ambiental e paisagística.

ecossistema

S. m. Do grego *oikos*, ‘casa’, ‘ambiente’ + *sistema*.

Em Ecologia é um sistema ou grupo de elementos interligados, formado pela interação de uma comunidade de organismos vivos ou bióticos (plantas, animais, bactérias) com o seu ambiente não vivo ou abiótico (rochas, água, solo, vento, energia do sol). Ou, ainda, é o sistema de relações mútuas entre espécies animais e vegetais que habitam uma região e seu vínculo aos fatores físicos e químicos desse ambiente. O termo foi adotado no mundo dos negócios para definir qualquer rede de interconexão.

(ver biodiversidade, biofilia, bioma, biosfera, ecossistema, interdependência, Mata Atlântica, restinga)

educação

S. f.

“A educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo.”

(NELSON MANDELA)

educação ambiental

S. f. “[...] processo educativo que deve ser direcionado para a cidadania ativa considerando seu sentido de pertencimento e corresponsabilidade que, por meio da ação coletiva e organizada, busca a compreensão e a superação das causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais.” (Fonte: Educação Ambiental como Política Pública. Marcos Sorrentino et al. 2005).

(ver aprender, desaprender, interdependência, sistêmico)

felicidade

S. f. “Viver melhor não é apenas ter mais, mas sim ser mais feliz.”

(PEPE MUJICA)

floresta úmida

S. f. (ver Mata Atlântica, restinga)

interdependência

S. f. Dependência recíproca.

Condição das relações entre todos os seres vivos (incluindo pessoas) e seu ambiente físico. A teia da vida. A floresta só é o que é por causa da incessante interação das formas de vida que a compõem. Os ciclos de manutenção e reprodução da vida se repetem graças à ação interdependente desses seres. Há espécies que dependem umas das outras para polinizar ou dispersar sementes. Outro exemplo são plantas que se livram do ataque de lagartas graças à ação de aves que são predadoras naturais de alguns insetos. A grande riqueza de uma floresta é a sua diversidade de formas de vida e a complexa rede de relações entre elas.

(ver ecossistema, solidariedade, sistêmico)

lixo

S. m. “O que é bom para o lixo é bom para a poesia”, Manoel de Barros, trecho do poema 1, dentro de Matéria de poesia.

(ver resíduo)

Mata Atlântica

S. f. Conjunto de formações florestais e ecossistemas associados como restingas, manguezais e campos de altitude, que se estendiam originalmente por aproximadamente 1.300.000 km² ao longo do litoral em 17 estados do território brasileiro.

A breve definição do Ministério do Meio Ambiente não é suficiente para descrever a essência dessa importante floresta úmida. Local onde vivem mais de 20 mil espécies de plantas, 8 mil só encontradas lá, 298 espécies de mamíferos conhecidos, 992 espécies de aves, 200 de répteis, 370 de anfíbios, 350 de peixes. Trata-se de um *hotspot*, ou seja, uma das áreas mais biodiversas e ameaçadas do planeta. Hoje restam apenas 8,5% da área original desse santuário de vida.

(ver — e visitar — a Reserva Natural Sesc Bertioga para conhecer mais sobre a Restinga, bioma, ecossistema, interdependência, solidariedade, sistêmico)

menos é mais

Expressão paradoxal que reforça o valor de escolhas minimalistas. Registrada pela primeira vez em poema do inglês Robert Browning, em meados do século 19, diz que um bom desenho pede simplicidade e clareza — o que, por extensão, se aplica a outras formas de expressão, como a escrita, e, principalmente, a arquitetura. A frase é associada com frequência ao arquiteto e designer Ludwig Mies Van Der Rohe (1886-1969). Síntese poderosa, dá nome ao programa que o Sesc implantou para reduzir a produção de resíduos em suas unidades. Criado para transformar atitudes dentro e fora da instituição, o *Lixo: Menos é Mais* prioriza a eliminação do uso de descartáveis e a destinação adequada de vários resíduos, entre inúmeras outras ações. O programa aplica o conceito dos 3 Rs: reduzir, antes de mais nada, reutilizar e reciclar.

(ver sistêmico)

plano de manejo

S. m. Toda unidade de conservação precisa ter um plano de manejo, documento elaborado a partir de estudos interdisciplinares, em que consta a caracterização da área e de seu entorno e que define as normas de uso do espaço e de seus recursos, além de prever ações de proteção, visitação, educação ambiental, gestão e pesquisa. O plano de manejo da Reserva Natural Sesc em Bertioga envolveu pesquisadores e população do município em um trabalho interdisciplinar e participativo. O diálogo com mais de 300 pessoas e 50 instituições deu origem a vários planos e ações que resultaram em projetos de educação ambiental hoje em desenvolvimento no território.

resíduo

S. m. remanescente, resto.

Palavra-chave para entender o que chamamos de “lixo” e suas variações. Nossos resíduos recicláveis são, na verdade, matéria-prima, que volta à indústria passando por muita gente durante as fases de coleta, triagem e reciclagem.

resiliência

S. f.

“O importante não é o que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos com o que fazem de nós”

(SARTRE)

“Resiliência” é a capacidade de retornar à sua condição original depois de sofrer choques e pressões. É uma certa elasticidade. Conceito aplicado em diversas áreas do saber, como Física, Ecologia, Psicologia e Ciências Sociais. Vem do Latim *resiliens*, recuperar, recuar. Em Ciência dos Materiais é a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida ao fim da tensão que causou sua deformação elástica. Em Ecologia é a capacidade que um ecossistema tem de responder a uma perturbação. Exemplo: a regeneração de uma floresta depois de sofrer interferência humana. A floresta, contudo, nunca se regenera a ponto de retomar suas condições iniciais. Numerosos estudos tratam do papel da resiliência, como habilidade pessoal e como processo, nos resultados de equipes esportivas de alta performance, em traumáticos processos de reorganização corporativa e até mesmo em atitudes que podem determinar a diferença entre a vida e a morte durante episódios extremos. Conceito de amplo espectro. Não saia de casa sem ele.



restinga

S. f. Ecossistema associado às florestas de Mata Atlântica, genericamente definido como zona de transição entre a floresta e o litoral.

Define-se como vegetação de restinga o conjunto das comunidades vegetais, fisionomicamente distintas, sob influência marinha e marinha-fluvial. Nessa faixa o terreno faz uma transição que vai das condições mais arenosas e de maior salinidade do litoral aos solos drenados e ricos em nutrientes sob a mata fechada. A vegetação começa rasteira e com espécies herbáceas e subarbustivas, espalha-se em grupos de arbustos sobre áreas arenosas e cresce nas árvores da floresta baixa para fechar-se mais adiante como a densa floresta alta de restinga. Característica da área onde se encontra o Sesc Bertioga.

(ver *bioma, ecossistema, Mata Atlântica*)

rios voadores

S. m. São verdadeiros cursos d'água atmosféricos que alimentam o ciclo da vida na Amazônia. Eles se compõem a partir de grandes massas carregadas de vapor que se formam acima do Atlântico. Correntes de ar úmido transportam esses volumes para a região amazônica. A floresta funciona como uma imensa bomba hidráulica, empurrando continente adentro toda essa água, que desaba sobre a própria floresta. O ciclo interminável faz com que a evaporação pelo calor realmente os rios voadores, que seguem, então, para o oeste da América do Sul, parando na Cordilheira dos Andes e novamente caindo em forma de chuva, que alimenta os principais rios terrestres da Amazônia. Cientistas têm estudado a relação desse fenômeno com o desmatamento na Amazônia e a ocorrência de secas na região Sudeste. A relação entre a água produzida pela floresta amazônica e as chuvas que ocorrem em outras regiões do país apresentam um poderoso exemplo da interdependência entre ecossistemas. (ver *interdependência, Mata Atlântica, produção de água, sistêmico*)

sistêmico

Adj. O chamado pensamento sistêmico, fortalecido a partir do século 20, é uma forma de abordar a realidade que se opõe ao chamado pensamento “reducionista-mecanicista” que emergiu a partir dos filósofos da Revolução Científica.

Mais aberto às subjetividades e à interdisciplinaridade, o pensamento sistêmico é um paradigma em construção. Aproxima-se mais das analogias da vida natural, como a riqueza de relações num ecossistema, do que da precisão dos encaixes de uma engrenagem. Na visão do filósofo francês Edgar Morin, uma concepção sistêmica do planeta exige uma integração e articulação de diferentes áreas do conhecimento. “Penso que tudo deve estar integrado, para permitir uma mudança de pensamento que concebe tudo de uma maneira fragmentada e dividida e impede de ver a realidade. Essa visão fragmentada faz com que os problemas permaneçam invisíveis para muitos, principalmente para muitos governantes” (Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro, Edgar Morin, 2014).

solidariedade

S. f. Comunhão de interesses e responsabilidades, dependência recíproca.

Vem da mesma raiz de “sólido” e de “soldar”. A célebre enciclopédia de Diderot, de 1765, que divulgou o Iluminismo e influenciou a preparação intelectual para a Revolução Francesa, já definia solidário como “interdependente, completo, inteiro”, a partir de sólido, “denso, firme, indivisível”. Termo que em seu sentido jurídico traz a ideia de responsabilidade comum, no seu uso mais geral também aproxima-se dos significados de cooperação e consciência coletiva. Solidariedade social é um vínculo moral entre indivíduos de um grupo ou comunidade. O avanço das discussões ambientais lança o conceito para além das fronteiras nacionais, das gerações e das formas de vida. Surgem assim os contornos da solidariedade ecológica (estreita interdependência entre os seres vivos, entre si mesmos e com o ambiente) e intergeracional.

trans- (o presente é trans)

O uso cada vez mais frequente do prefixo latino trans (através de, para além de) já marca uma era de mudanças rápidas. O ilusório mundo organizado em caixinhas separando conceitos dá lugar a um movimento que se expande além das definições pré concebidas: transdisciplinar, transgênero, transgeracional, transmídia...

transversalidade

S. f. Qualidade de transversal.

Atributo do que ‘atravessa’ em oposição ao que é paralelo. Como uma avenida que é transversal a uma série de ruas e não paralela a elas. A palavra vem de “transverso”, que se refere a oblíquo, colateral, perpendicular.

utopia

S. f. “Ela está no horizonte – diz Fernando Birri.

Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos pra frente. Por mais que eu caminhe, nunca irei alcançá-la. Para que serve e a utopia? Para isso mesmo: para caminhar.” (Eduardo Galeano, no livro *As Palavras Andantes*)

Quero-quero

Estêncil sobre parede

Mônica Nador

(Ribeirão Preto, 1955)

e equipe do JAMAC

SOBRE A TÉCNICA

Estêncil, técnica de impressão que utiliza moldes vazados, recortados com desenhos ou textos que funcionam como uma matriz a ser preenchida com tinta para reproduzir diferentes padrões

SOBRE AS OBRAS

Para o Sesc Bertioga, Mônica Nador, juntamente com a equipe do Jamac, e a partir da pesquisa que o grupo desenvolveu sobre a fauna e a flora locais, criou as imagens que deram origem às pinturas realizadas nos apartamentos dos novos conjuntos





Das galerias para as ruas

texto: Thereza Venturoli

Houve um tempo, no final dos anos 1980, em que a artista plástica Mônica Nador trabalhou no ateliê do hospital psiquiátrico do Juqueri. Três vezes por semana viajava 40 minutos de trem, de sua casa, no bairro paulistano do Pacaembu, até Franco da Rocha, na Grande São Paulo. Eram dias em tons sombrios. Os vagões superlotados e abafados, o barulho assustador, o constante cheiro de queimado e a sensação de morte iminente eram enfrentados com ininterruptas preces. Um dia, em meio às orações, a janela mostra “um céu estupidamente azul, um morro estupidamente verde e uma única pequena árvore carregada de estupidas flores vermelhas”. A visão sequestra a passageira assustada, salva-a da angústia para o êxtase e tem um efeito de revelação. “Percebi naquele momento que a beleza faz um bem danado à saúde. Beleza é questão de saúde pública”, diz ela.

Essa beleza transformadora Mônica transportou para uma arte que extravasa os padrões tradicionais, de galerias e museus, para o que ela chama de arte engajada, inseparável da realidade social e de questões como distribuição de renda, acesso aos serviços

de saúde e à educação. “Arte, política e vida – é tudo uma coisa só. Se essa relação é fragmentada, vivemos uma esquizofrenia social”, diz.

Em 2003 Mônica faz um desvio radical na vida: muda-se do sofisticado Pacaembu para o Jardim Miriam, bairro popular da periferia paulistana, e funda o Jardim Miriam Arte Clube (Jamac), uma organização não governamental para oferecer oficinas de desenho e pintura. A arte se democratiza – escapa do circuito comercial para o cotidiano das ruas e vilas da comunidade carente. No Jamac, o projeto Paredes Pinturas, desenvolvido 15 anos antes como tese de mestrado, é executado agora por novos artistas – rappers, grafiteiros, dançarinos de rua, homens e mulheres que se organizam em associações e clubes de mães. Os desenhos em estêncil (moldes vazados de acetato) são criados pelos moradores-aprendizes e aplicados nas paredes e nos muros das casas. As cores sobre as fachadas trazem mais do que beleza – aumentam a autoestima e a dignidade do morador e o levam a refletir sobre sua casa e o entorno. “A arte, em si mesma, não é nada além de conhecimento e técnica. O que vale é o homem que faz uso dessa arte”, acredita a artista plástica.





“A arte, em si mesma, não é nada além de conhecimento e técnica. O que vale é o homem que faz uso dessa arte.”

“A beleza faz um bem danado para a saúde. Beleza é questão de saúde pública.”



Lavadeira de cabeça branca, coruja buraqueira, picapau do campo, capivara e orquídeas: inspiradas pela fauna e flora do Sesc Bertiooga



Quero-queros adornam o interior de um dos apartamentos dos novos conjuntos do Sesc Bertioga

Em 2012, foi inaugurada a oficina de estamparia em tecido e papelaria. A renda obtida da venda das peças é revertida para a manutenção da ONG. “Sim, a arte pode produzir mercadorias. Mas o artista tem de ir muito além disso”, considera a artista. Resultado dessa filosofia, o Jamac tornou-se mais do que uma escola de técnicas artísticas. É um espaço de cultura, no qual ocorrem encontros para debates e mostras de cinema.

Mônica Nador nasceu em Ribeirão Preto (SP), em 1955. Começou os estudos universitários com um curso de arquitetura, em plena década de ditadura militar, em São José dos Campos. Foi então que teve as primeiras experiências com a população de favelas e vilas, que viriam a definir a personalidade engajada de sua arte. Mônica graduou-se em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado, em 1983. No mesmo ano, realizou sua



“Arte, política e vida – é tudo uma coisa só. Se essa relação é fragmentada, vivemos uma esquizofrenia social.”



primeira exposição individual no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Sua trajetória inclui dezenas de exposições em galerias e bienais, no Brasil e no exterior.

As paredes da fachada e dos quartos dos novos conjuntos de apartamentos do Sesc em Bertioga trazem uma amostra da arte realizada por Mônica e pelos jovens do Jamac: animais e plantas da Mata Atlântica reproduzidos por estêncil, a partir de fotos e ilustrações (essas imagens também foram incorporadas a uma linha de produtos comercializados nas lojas Sesc). “Assim como as questões raciais, étnicas e econômicas, as preocupações ambientais também fazem parte do que eu chamo homem integrado”, diz a artista. O desafio ao tradicional sistema de arte e a visão crítica sobre o papel do artista na sociedade torna Mônica uma das artistas mais radicais de sua geração. ■

UMA CIDADE PARA TODOS

Debater a relação entre sociedade e o seu território é a proposta do Ciclo de Debates: Nós e a Cidade, do Sesc Bertioga. Com a intenção de intercambiar experiências, difundir conhecimentos e promover a reflexão a respeito de temas que fazem parte da esfera pública do município, o projeto reúne especialistas e agentes sociais em diálogos públicos abertos a todos. Lançados em 2010, os debates trazem temas sociais, econômicos e ambientais, como turismo, cooperativismo e a transposição de rios da região. Mais informações, consultar a programação do Sesc Bertioga.



Nós e a Cidade: ciclo de debates no Sesc Bertioga

NAVEGAR PARA CONHECER

Uma experiência de aprendizado em clima de descoberta e aventura é o que vive quem participa do projeto Barco Escola Arca do Saber, da Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Bertioga, no litoral paulista. Um barco com capacidade para 38 pessoas leva grupos de turistas e estudantes a um passeio pelo manguezal, importante ecossistema do bioma Mata Atlântica. Munidos de binóculos e acompanhados de um biólogo e estagiários de Biologia, os navegantes percorrem o Canal de Bertioga, entrando em contato com a rica fauna e flora da região. O manguezal

é um ecossistema costeiro de transição entre ambientes terrestre e marinho, com estruturas de sustentação e fisiologia adaptadas às variações de maré e salinidade. A riqueza de nutrientes das águas salobras propicia um verdadeiro berçário marinho ao atrair grande diversidade de peixes, como tainhas e robalos, de moluscos, de tartarugas e uma infinidade de aves, como biguás, gaviões e garças. Desde que foi lançado, em 2013, o projeto já recebeu cerca de 6 mil pessoas, a maioria alunos de escolas públicas e privadas. As excursões devem ser agendadas na Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Bertioga. www.bertioga.sp.gov.br/barcoescola

CONVERSANDO A GENTE SE ENTENDE

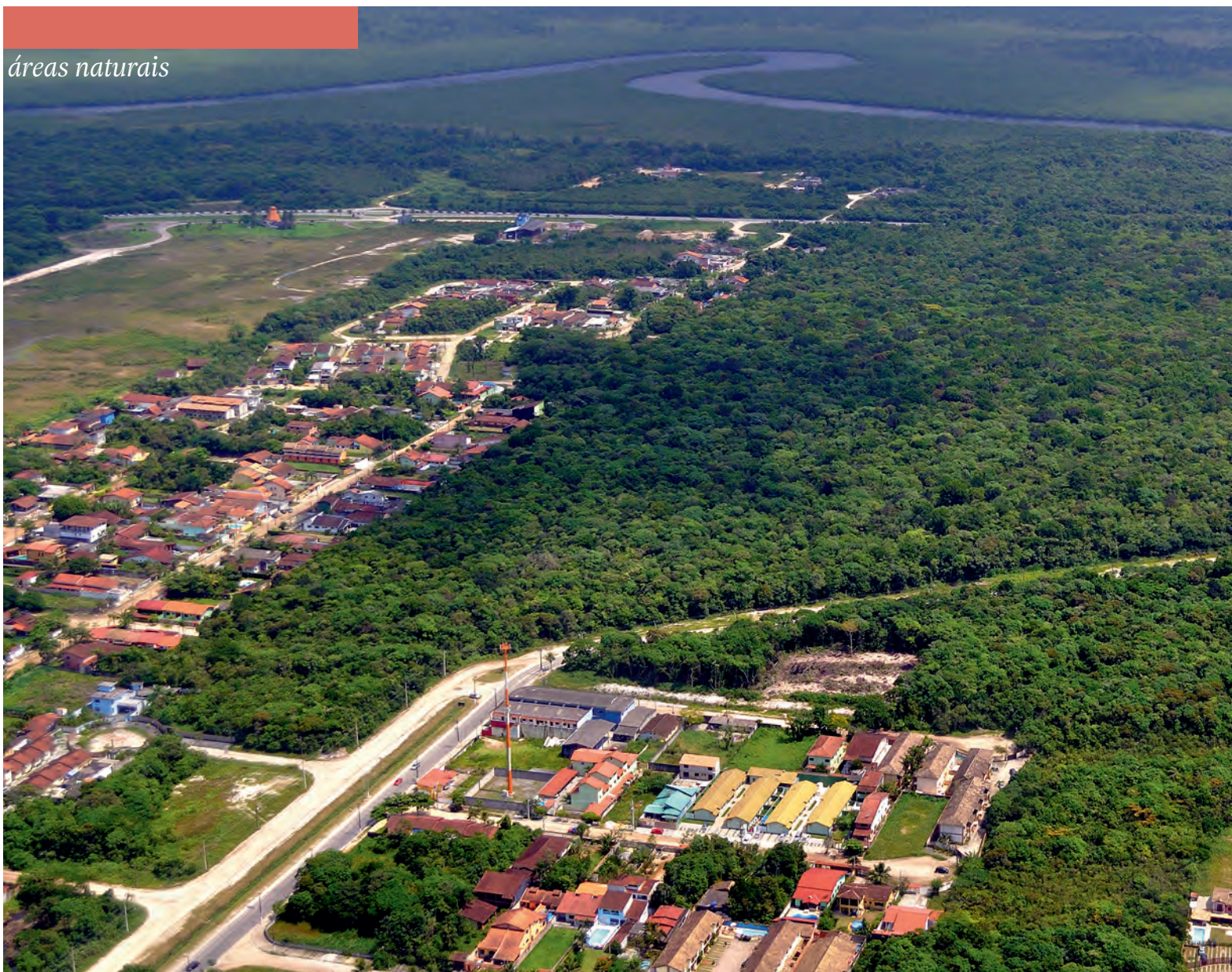
O que os camaradas do hip-hop têm a ver com a turma do bolero? Como o skate pode contribuir para a inclusão social? Estes foram alguns dos temas abordados nas 25 edições do programa Papo Cabeça Salve! desde sua criação, em 2010. Produzido pela ONG Possepar – Posse, Ação e Resistência, o projeto chama os habitantes de Bertioga a participar da vida da cidade. “A ideia é quebrar preconceitos”, diz Paulo Matos, diretor da Possepar. As gravações estão disponíveis no Youtube e no Facebook.



MANUAL DO GUERRILHEIRO VERDE MIRIM

Autora: Floriana Breyer
Ilustrações: Rafael Antón e Juliana Russo
LeYa (www.leya.com.br)

Fiorela Verdi tem uma vida típica de menina de cidade. Até o dia em que começam a ocorrer fatos estranhos, como falta de luz e inundações. Fiorela se alia, então, a outras personagens – o catador de papelão Pedro, um vagalume e duas pulgas atrás da orelha –, em busca de explicações. Este é o início da narrativa de *Manual do Guerrilheiro Verde Mirim*, da artista plástica Floriana Breyer. Ao longo do livro, o leitor vai tomando decisões que direcionam a história para diferentes desfechos. “É um jogo, no qual o guerrilheiro acaba sendo o próprio leitor”, diz a autora. A ideia é chamar a atenção de crianças e jovens para o mundo natural que existe à sua volta e para as consequências das atividades humanas que alteram o meio ambiente urbano. O livro traz, ainda, uma lista de instruções básicas para a sobrevivência do guerrilheiro – são atividades simples de contato com a natureza, como olhar as estrelas ou beber água de uma nascente.



A floresta que ensina o amor pela vida

Ligação emocional do ser humano com a natureza está na base da criação da Reserva Natural Sesc em Bertioga

texto: Afonso Capelas Júnior

Em 1984, o biólogo norte-americano Edward Osborne Wilson fez florescer a hipótese da biofilia. A palavra é formada pela junção do grego *bios* (vida) e *philia* (amor). Pode ser traduzida literalmente como “amor pela vida”. Wilson considera que temos uma ligação emocional genética com a natureza.

A Reserva Natural Sesc em Bertioga, no litoral de São Paulo, foi criada com a intenção de potencializar essa relação. Seu objetivo é integrar o ser humano ao meio ambiente como forma de inspirar valores de cidadania gerando bem-estar por meio de um vínculo maior com os ambientes naturais. Encravada em uma região urbana, a reserva de cerca de 60 hectares de Mata

Atlântica, com uma rica variedade de fauna e flora típicas de floresta alta de restinga, está prestes a tornar-se uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Ela permite o desenvolvimento de inúmeras atividades de educação e turismo, integração com as comunidades locais, além de pesquisas científicas.

No estado de São Paulo, a Fundação Florestal, órgão ligado à Secretaria de Estado do Meio Ambiente, é responsável pelo reconhecimento de áreas naturais como RPPN. Além da análise documental, a fundação realiza visitas técnicas para constatar se essas áreas possuem importância ecológica que justifiquem seu reconhecimento. Toda unidade de conservação (reserva, parque, estação ecológica...), seja ela pública ou privada, deve elaborar um plano de manejo, que é o documento técnico de referência para a gestão da área. O plano de manejo da Reser-



Reserva Natural Sesc: são cerca de 60 hectares de Mata Atlântica encravados na área urbana de Bertioga

va Natural Sesc foi elaborado mesmo antes do reconhecimento como RPPN e ficou pronto em março de 2016. Nele constam os objetivos da área, seu zoneamento e os possíveis usos, de acordo com as características do ambiente local.

“Bertioga é um município com muitas áreas protegidas, mas nem todas são acessíveis ao público. Nesse sentido, a criação da RPPN, aliada aos objetivos do Sesc, terá um forte potencial de transformação local com a abertura à visitação e o estímulo às práticas e diálogos sobre sustentabilidade”, reconhece Guilherme Rocha Dias, comunicólogo que coordenou o plano de manejo da futura RPPN do Sesc, realizado pelo Instituto Ecofuturo.

Durante as etapas de elaboração do plano de manejo, a participação da comunidade local, que ultrapassa os três mil habitantes e está vizinha à

“A reserva será de grande importância para a conservação de um trecho precioso de Mata Atlântica, aliada à educação ambiental”

MÁRCIA HIROTA, diretora-executiva da Fundação SOS Mata Atlântica

Reserva Natural Sesc, foi estimulada com a realização de diversas entrevistas, rodas de conversa, reuniões, encontros diagnósticos, entre outras estratégias participativas, que buscaram conhecer a percepção e as expectativas das pessoas sobre esta área. A partir desse diálogo com a comunidade, fomentou-se a criação de um Coletivo Educador para ampliar a reflexão sobre as questões socioambientais de Bertioga e propor ações no campo da educação ambiental. São encontros de diversas instituições locais que buscam a transformação de seu entorno em territórios sustentáveis.

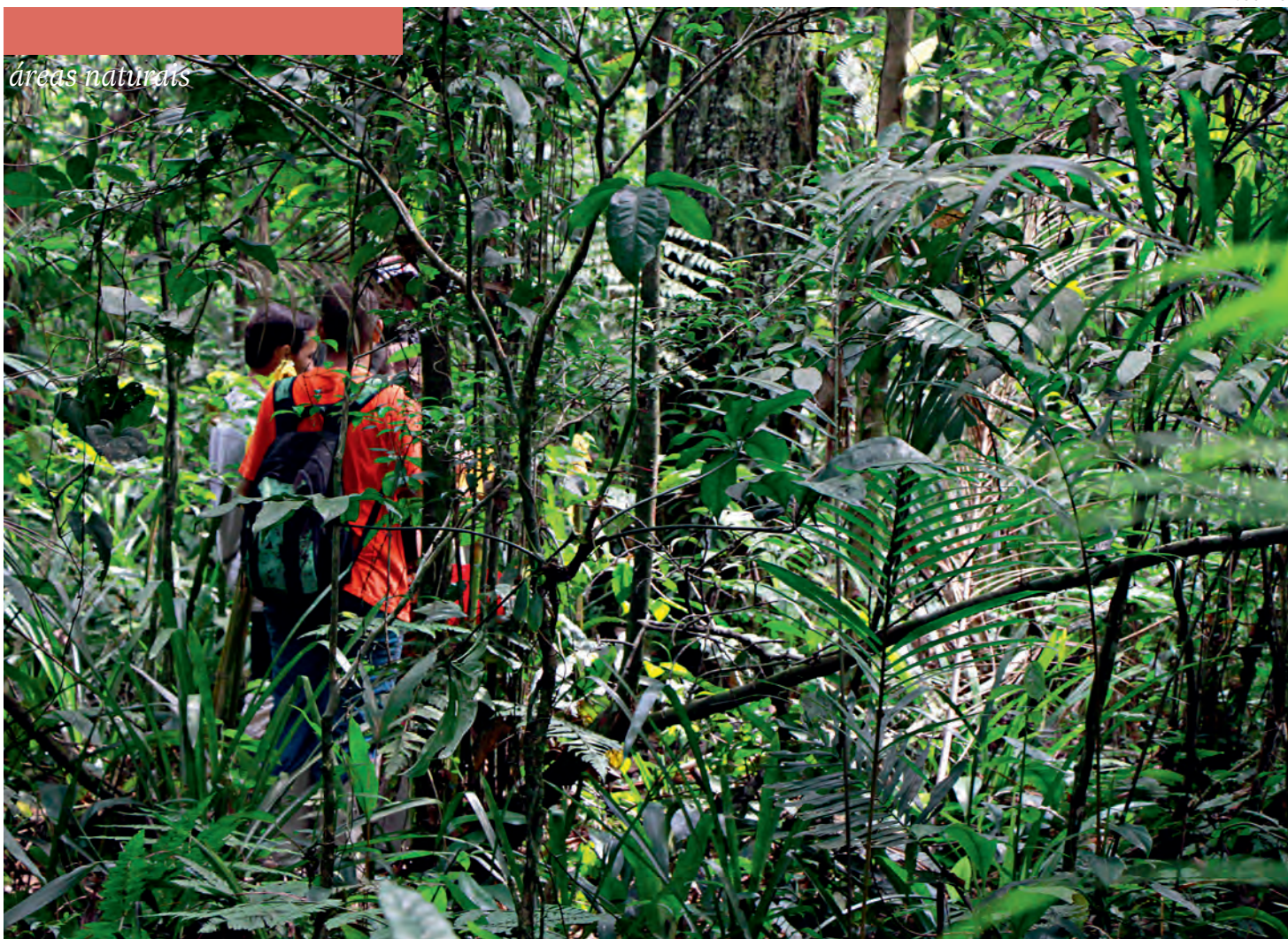
“Esse contato criativo mostrou que as instituições queriam se conhecer melhor, pensar juntas as questões socioambientais da cidade e propor projetos e possibilidades de ação conjunta”, comenta Séfora Tognolo, agente de educação ambiental do Sesc Bertioga.

Hoje as instituições se reúnem mensalmente e, dentre outros assuntos, elaboram o projeto político-pedagógico sob orientação de pesquisadores associados à Universidade de São Paulo (USP). “O processo de criação da reserva tem produzido discussões sobre temas como participação, qualidade de vida e conservação ambiental, gerando maior interesse pela natureza e o sentimento de pertencimento das pessoas com o local onde vivem”, resume Séfora.

O monitor ambiental Marildo Casiano, conhecido como Saracura, participou ativamente desde os primeiros encontros para elaboração do plano de manejo. Antigo morador da região, Marildo garante que o envolvimento dos seus vizinhos antes do coletivo educador era quase nenhum. “Até então ninguém discutia nossos problemas. Hoje estamos mais unidos para cobrar medidas que melhorem a qualidade de vida na cidade”.

O propósito de a Reserva Natural do Sesc em Bertioga manter uma relação permanente com a comunidade inclui o desenvolvimento de uma série de iniciativas parte de um processo de transformação social por meio

áreas naturais



Usando metodologias participativas, especialistas e moradores de Bertioga interagiram durante o curso de trilha com desenho universal

da ação educativa continuada. Os objetivos de manejo da Reserva tratam desde a proteção da biodiversidade até a valorização das identidades culturais locais, além do incentivo à pesquisa científica e diálogo com demais unidades de conservação. Também pretende desenvolver programa de educação ambiental que envolverá vivências, convivências e oportunidades de interação com o ambiente, proporcionando experiências transformadoras.

Da junção destes objetivos, aliada à intenção de garantir acessibilidade às áreas naturais protegidas, surgiu uma iniciativa diferenciada: o curso de trilha com desenho universal. Usando metodologias participativas, o curso resultou na produção de conteúdos e compartilhamento de conhecimentos a partir da interação de moradores de Bertioga com profissionais especialistas em trilhas interpretativas, acessibilidade em espaços culturais e trilhas acessíveis.

Durante cinco dias estes profissionais interagiram com os participan-



A trilha pioneira da Reserva terá 950 metros lineares e vai propiciar experiências significativas de contato com a natureza



tes, para desenhar o traçado da primeira trilha da Reserva Natural Sesc. O maior desafio foi aliar experiências significativas na natureza pensando em públicos com diferentes deficiências, assim respeitando critérios de acessibilidade. Para tanto, todo o processo de concepção e implantação da trilha, seus recursos informativos e os serviços foram planejados cuidadosamente. A trilha pioneira da Reserva terá 950 metros lineares e será equipada com deques suspensos de madeira que permitirão o acesso e convívio das pessoas com a biodiversidade da Mata Atlântica. “A RPPN do Sesc em Bertioga será de grande importância para a conservação de um trecho precioso de Mata Atlântica, e para a educação ambiental”, comemora Marcia Hirota, diretora-executiva da Fundação sos Mata Atlântica.

“A maior parte do que resta do bioma está em mãos de particulares que são verdadeiros guardiões da natureza e defensores da causa ambiental”.



Diagnóstico e planejamento participativo durante a realização do plano de manejo da Reserva Natural Sesc

SAIBA MAIS

A definição de Coletivos Educadores

“Coletivos Educadores são conjuntos de instituições que atuam em processos formativos permanentes, participativos, continuados e voltados à totalidade e diversidade de habitantes de um determinado território. O Coletivo Educador é, ao mesmo tempo, resultado e realizador do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) e do Programa Nacional de Formação de Educadoras e Educadores Ambientais (ProFEA). O papel de um Coletivo Educador é promover a articulação institucional e de políticas públicas, a reflexão crítica acerca da problemática socioambiental, o aprofundamento conceitual, e criar

condições para o desenvolvimento continuado de ações e processos de formação em Educação Ambiental com a população do contexto, visando à sinergia dos processos de aprendizagem que contribuem para a construção de territórios sustentáveis. Os Coletivos Educadores favorecem a continuidade das propostas de formação, a otimização de recursos locais, regionais e federais, e a articulação de programas e projetos de desenvolvimento territorial sustentável. Para que o desenvolvimento de processos educacionais amplos, continuados, sincrônicos e permanentes perpassem todo o tecido social, há a necessidade da conjunção de recursos e competências que dificilmente se encontram numa única instituição.”

(Fonte: www.mma.gov.br)

AÇÃO CONJUNTA

A experiência da construção participativa em Bertiooga

Aberto, fortalecido por participação efetiva, exercício de cidadania, autonomia, pertencimento e ação, o Coletivo Educador de Bertiooga acolhe e impulsiona as discussões sobre sustentabilidade no território. O grupo começou a formar-se ainda durante a construção do plano de manejo da Reserva Natural Sesc, que incluiu diagnóstico participativo com reuniões, rodas de conversa e entrevistas com moradores, instituições do poder público, privado e sociedade civil organizada. Hoje conta com participantes de instituições, como Associação de Monitores Locais de Bertiooga, Senac Bertiooga, Programa Clorofila de Educação Ambiental, Parque Estadual da Restinga de Bertiooga, Seção de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, estudantes e diretores de escola – além do Sesc Bertiooga. Os encontros são mensais e, desde janeiro, incluem um processo de formação com Semíramis Biasoli, pesquisadora do Laboratório de Educação e Política Ambiental - OCA-ESALQ/USP, que tem orientado a construção do projeto político-pedagógico do grupo. Estão previstos novos encontros com a comunidade para a realização de um amplo diagnóstico participativo, buscando agir concretamente e com a contribuição dos principais atores envolvidos.

Sob a proteção das áreas naturais

Com vocação para conservar e educar, reservas exercem grande influência nos seus entornos, na vida selvagem e até mesmo em políticas públicas

O conceito de proteção de áreas naturais em propriedades particulares no Brasil já estava esboçado no Código Florestal de 1934. Esses territórios recobertos por vegetação nativa dentro de sítios e fazendas eram chamados de Florestas Protetoras. Sob o domínio do dono das terras, eram inalienáveis e perpétuas. Três décadas depois, as Florestas Protetoras sumiram do Código Florestal vigente à época. Entretanto, muitos proprietários expressavam o desejo de proteger os remanescentes de matas nativas em suas terras. Assim, em 1977 foram criados os Refúgios Particulares de Animais Nativos (Repan) que, em 1988, passaram a chamar-se Reservas Particulares de Fauna e Flora.

Em 1990, os instrumentos legais que garantem a proteção de vegetação nativa em terras privadas foram aperfeiçoados. Essas áreas receberam o nome de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN). Entretanto, somente em 2000, com a instituição do SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação), as RPPNs foram alçadas à categoria de unidades de conservação de uso sustentável. Sua criação pode ser regulamentada pelo governo federal, estados e municípios. “É o proprietário das reservas naturais quem escolhe a qual esfera governamental prefere recorrer para criar sua RPPN. No geral, todas as RPPNs têm os mesmos direitos e obrigações”, explica Luciano Souza, analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão responsável por reconhecer as RPPNs em nível federal.

Atualmente são contabilizadas aproximadamente 1350 reservas no Brasil, entre federais, estaduais e municipais. Mato Grosso do Sul foi o pri-



DIVERSIDADE EM CORES. Tiê-sangue (*Ramphocelus bresilius*), árvore Jacatirão (*Huberia ovalifolia*) e tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) são espécies nativas de Mata Atlântica que estão presentes na Reserva Natural Sesc



Du Zuppanni

A maior RPPN do país é a Sesc Pantanal

Criada em 1997 no Mato Grosso, tem cerca de 108 mil hectares, quase 1% da área total da maior planície alagada do planeta



Acervo Ecofuturo/ Luís Vicente Bufo

meiro estado brasileiro a publicar legislação própria de criação de RPPNs. É de lá também a primeira RPPN criada no país em 1990: a Fazenda Lageado, na cidade de Dois Irmãos do Buriti. A maior RPPN do país é a Sesc Pantanal, em Barão de Melgaço, Mato Grosso. Criada em 1997 – e de âmbito federal – a RPPN do Serviço Social do Comércio tem quase 108 mil hectares, quase 1% da área total do Pantanal. Protege vastas extensões do ecossistema pantaneiro.

Além de aproximar a comunidade do entorno da causa socioambiental, atrair visitantes para mais perto da natureza e incentivar pesquisas científicas, uma RPPN tem importância na conscientização de proprietários de florestas para a conservação ambiental dentro de suas terras, sejam eles pessoas físicas ou jurídicas. Nos últimos anos muitos têm demonstrado interesse em transformar parte de sua propriedade em reserva natural. Algumas dessas porções protegidas de ecossistemas brasileiros em áreas privadas ganharam, inclusive, respaldo e reconhecimento internacional. É o caso da RPPN Sesc Pantanal. Declarada pela Unesco como zona-núcleo da Reserva da Biosfera do Pantanal, em 2000, a reserva do Sesc, no estado do Mato Grosso, foi reconhecida, três anos mais



Reservas naturais desempenham papéis importantes no Brasil, cada uma com suas peculiaridades e formas de atuação



tarde, como Sítio Ramsar. Ramsar é uma cidade iraniana onde, em 1971, foi assinado o tratado da Convenção sobre Zonas Úmidas de Importância Internacional. Áreas úmidas alçadas à categoria de Sítio Ramsar são consideradas mundialmente como de fundamental importância ecológica e de valor socioeconômico, cultural, científico e recreativo.

Outra RPPN laureada pela Unesco é a Estação Veracel, de propriedade da Veracel Celulose. Ela protege um precioso trecho de Mata Atlântica na região onde Pedro Álvares Cabral aportou com seus comandados pela primeira vez em solo brasileiro, em Porto Seguro, sul da Bahia. Criada em 1992, a RPPN Estação Veracel é reconhecida pelo órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) como Sítio do Patrimônio Mundial Natural. Em seus pouco mais de seis mil hectares há atividades de educação ambiental, visitas monitoradas e um caso de sucesso comprovado em conservação de espécies: o Projeto Harpia na Mata Atlântica. Não só empresas se dedicam à nobre causa socioambiental. Há casos de pessoas físicas que fizeram questão de implantar RPPNs em suas propriedades. Dois deles são Evandro Ayer e Catarina Schiffer. Em 1990, o casal transformou numa RPPN parte da vegetação nativa de Cerrado da fazenda Vagafogo, adquirida em 1975 no município goiano de Pirenópolis. Cerca de um terço da fazenda de 44 hectares está protegido pela reserva, que oferece, aos visitantes do Brasil e de vários países, trilhas, circuitos de observação de pássaros e atividades de educação ambiental.

Para Guilherme Rocha Dias, as RPPNs desempenham papéis importantes no Brasil, cada uma com suas peculiaridades e formas de atuação. “Algumas, pela pouca capacidade de investimento, promovem ações incríveis em pequena escala. Outras, com mais recursos, conseguem até mesmo estimular políticas públicas”, resume.



Onde o humano encontra sua real dimensão

Novos estudos mostram que “Transtorno de Déficit da Natureza” tem impactos na saúde física e mental

Cada vez mais pesquisas acadêmicas recentes comprovam o que os antigos pensadores, de Platão a Santo Agostinho, já pregavam aos seus discípulos: a integração do ser humano com a natureza é essencial para o seu equilíbrio físico e mental. Em seu artigo *Aristóteles: ética, ser humano e natureza*, o doutor em Filosofia Danilo Marcondes, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Ja-

neiro, ressalta que a concepção grega de integração do ser humano com o mundo natural é considerada um dos pontos de partida do pensamento ecológico contemporâneo, embora a filosofia grega não se tenha dedicado de modo especial à questão do meio ambiente. “É sobretudo o modo de pensar grego que, ao definir o ser humano como um microcosmo que é parte do macrocosmo, abre cami-



nho para a visão do equilíbrio necessário entre o ser humano e a natureza”, escreveu Marcondes.

Em algum momento, entretanto, esse equilíbrio foi rompido. O historiador israelense Yuval Noah Harari – autor do *best seller Sapiens: Uma breve história da humanidade*, remete à Revolução Agrícola ocorrida 12 mil anos atrás para explicar tal ruptura e suas consequências nefastas para ambas as partes. Em seu livro, Harari revela que quando o ser humano aprende a domesticar as plantas e os animais para dominar seu cultivo e criação, surgem os conflitos territoriais e a destruição ambiental em níveis globais. O *homo sapiens* perde, assim, o contato mais estreito com a natureza para preocupar-se com a produção de alimentos e a defesa de suas plantações.

Lúcio Érico



Nas fotos, caminhada na mata mediada por educadores ambientais do Sesc Interlagos e (ao lado) exercícios de percepção ambiental fizeram parte do curso para desenvolver a trilha acessível da Reserva Natural Sesc

Cientistas da Universidade de Essex apontam benefícios psicológicos em adultos, após apenas cinco minutos de caminhada por entre florestas urbanas

Por conseguinte, a recente Revolução Industrial levou o ser humano a separar-se ainda mais do meio ambiente natural.

Uma síntese dos mais recentes estudos da relação ser humano-natureza revela que a abstinência do contato com áreas naturais tem causado o que o jornalista norte-americano Richard Louv rotulou informalmente de “transtorno de déficit de natureza”. E recomenda que a reconexão deve ser estimulada desde cedo. No livro *A última criança na natureza*, Louv – fundador da organização Children & Nature Network – cita pesquisas que comprovam os impactos à saúde física e psicológica do isolamento humano na selva de pedra, já na infância: obesidade, dificuldade de concentração e hiperatividade, deficiência de vitamina D e até mesmo depressão.

Outros estudos relatados no livro de Louv indicam que o contato dos pequenos com a natureza, mesmo que rápido, pode reduzir substancialmente os sintomas dessas doenças. Em entrevista à agência de notícias britânica BBC, o jornalista disse: “Uma pesquisa de um grupo na Universidade de Chicago que estuda distúrbios de atenção entre crianças comprovou que meninos e meninas de cinco anos tiveram melhora significativa apenas com caminhadas curtas em parques”.

Gente grande também se beneficia dos contatos com áreas verdes, mesmo que breves. Cientistas da Universidade de Essex apontaram impactos psicológicos positivos em adultos, após cinco minutos de caminhadas por entre florestas urbanas. Louv conta que muitos médicos já indicam brincar no parque em seus receituários. “Em algumas partes dos Estados Unidos associações de médicos começam a usar dados com mapeamento das áreas verdes de suas cidades. Assim, dizem para os pais: ‘tem um bosque a duas quadras da sua casa, não há desculpas para não levar seu filho lá duas vezes por semana’”, revelou Louv à BBC. ■



entrevista

MARCOS SORRENTINO: BIÓLOGO E PEDAGOGO

Jonas Tuci



“Só conscientização não basta”

Especialista em articulação, organização e condução de processos ligados à educação ambiental, Marcos Sorrentino afirma que precisamos ir mais longe – e todos juntos – na defesa de nossos sonhos de sociedade

texto: Otávio Rodrigues

Coordenador do Laboratório de Educação e Política Ambiental da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (OCA-ESALQ/USP), Marcos Sorrentino exerce vocação que vem da infância. Nascido na zona leste de São Paulo, o professor conta que ouviu de seus pais histórias sobre nadar no rio Tietê. “Eu já não tive essa sorte.” A mudança da família para uma chácara em Embu das Artes, na Grande São Paulo, fez com que o menino curioso se interessasse pelas árvores, pelos bichos e ciclos da natureza. “Havia também uma entidade ambientalista na cidade, logo me aproximei.” Em 1977, já estava ajudando na criação da precursora Comissão de Defesa do Patrimônio da Comunidade, ao lado de Cacilda Lanuza, Aziz Ab’Saber e outros pioneiros. Como diretor de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente entre 2003 e 2008 e assessor especial do Ministro da Educação para a construção da política ambiental do MEC entre 2012 e 2014, Sorrentino é um observador atento das questões que envolvem organização social, educação e meio ambiente. E tem sido protagonista em propostas de transformação da sociedade através da educação ambiental. “É necessário acessar a compreensão crítica das pessoas a respeito das causas e consequências desse estado de coisas e buscar, individual e coletivamente, as

causas da degradação”. Graduado em Biologia e Pedagogia e mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, doutorado e pós-doutorado em Educação pela Departamento de Psicologia Social da Universidade de São Paulo, o professor conversa com Cadernos Sesc de Cidadania sobre educação ambiental, sonhos de futuro, política, celulares, hortas urbanas, baionetas, cicloativismo e espiritualidade.

Como vai o ambientalismo em tempos de alta tecnologia?

Marcos Sorrentino – O ambientalismo não nega o progresso, o desenvolvimento, a melhoria de condições por meio da tecnologia. Mas quer que isso ocorra de forma pactuada, demo-

crática, para todos. Entre as humanidades que estão no planeta hoje, como é que a gente propicia bem-estar? Para cada um e para todos ao mesmo tempo! Isso tem sido negligenciado em nossa agenda política, entre nações e no interior de cada estado ou nação. Então, a educação ambiental que nós trabalhamos é uma educação ambiental que, acima de tudo, busca uma cultura de procedimentos democráticos, uma aproximação entre as pessoas, para dialogar sobre como construímos um benefício mais amplo para todos nós.

Divulgar informações não seria suficiente?

A transformação sócioambiental que desejamos é cultural, uma transformação de valores, de modo de produção e consumo. E, para isso ocorrer, não basta informação. É necessário que exista um processo articulador dos vários atores de um mesmo território para que eles estabeleçam um projeto político-pedagógico capaz de incidir na realidade daquele território. Eles constroem os processos que, gradativamente, farão essa transição de uma sociedade perdulária, egoísta, degradadora, em direção a uma sociedade sustentável, como nós genericamente a chamamos.

E estamos muito longe desse ideal?

A Rede Globo tem uma novela que fala sobre agroecologia, permacultura,

“Quando as pessoas se organizam e visualizam os problemas que as distanciam de seus sonhos de futuro, de seus planos de sociedade, isso é educação ambiental”

agricultura sintrópica, e faz um Globo Repórter focado na agricultura orgânica. E no mesmo pacote a gente percebe toda a difusão da agricultura de commodities, da monocultura, a ideia de que “agricultura é tecnologia”, que “agricultura é pop”... E o cidadão comum fica sem entender. Ora, se até a Rede Globo está falando da agro-ecologia, da importância de evitar alimentos com agrotóxicos, por que no Brasil cada um de nós continua a consumir mais de cinco litros de agrotóxicos por ano? Onde está o descompasso entre o que se fala e o que se faz?

Como avaliar as campanhas de conscientização?

Um célebre psicólogo norte-americano chamado Robert Sommer escreveu um livro sobre arquitetura e a função do design, no qual há todo um capítulo sobre conscientização. Ali ele diz que nunca se falou tanto sobre meio ambiente – no entanto nunca se degradou tanto. Ou seja, não basta apenas informação. É necessário acessar a compreensão crítica das pessoas a respeito das causas e consequências desse estado de coisas e buscar, individual e coletivamente, as causas da degradação.

De que maneira se faz isso?

Essa capacidade de estabelecer nexos de causalidade entre o fenômeno e suas causas exige a participação de educadores. Eles precisam propiciar ao indivíduo aprendizado a respeito de quais são as causas e como se organizar para enfrentá-las, pois há sinais de que estejamos indo na direção do caos, ao encontro de mais e mais dificuldades para a existência de humanos e de não humanos no planeta Terra.

Como construir esse aprendizado?

Coletivamente. Um conceito que vem sendo construído coletivamente nos últimos 30 anos, a partir de experiências em processos educadores entre universidades ou junto a municípios, é o do Coletivo Educador. A ideia é que só é possível fazer as mu-

{ Para que eu preciso ter o meu jardim?

Ora, tem o jardim da praça

está largado lá...

Eu vou lá e faço,
aí vêm os vizinhos:

é de todos nós!

}

danças culturais com a radicalidade que o momento pede, que a questão ambiental exige, aglutinando todas as forças individuais e coletivas de um determinado território para que elas conspirassem em favor dessa transformação. Os grupos que nas décadas passadas se organizaram para resistir aos regimes autoritários, no Brasil e na América Latina, desenvolveram um conjunto de experiências que apontavam para esse caminho – a necessidade e a importância de organização e de articulação. À medida que o sistema político abriu espaço para novas ideias, essas estratégias passaram a ser testadas como políticas públicas, não mais como mecanismo de resistência. Na década de 1960, Paulo Freire já falava no Círculo de Cultura, cuja ideia ampliada se assemelha à do Coletivo Educador, que faz um convite à aproximação entre instituições, indivíduos e movimentos, para que se pactuem propostas e se enfrentem as iniquidades a que todos somos submetidos. Quando as pessoas se organizam e visualizam os problemas que as distanciam de seus sonhos de futuro, de seus planos de sociedade, isso é educação ambiental.

Preservar o meio ambiente é o caminho?

Quando a gente fala em degradação ambiental, não fala apenas de corte de árvores ou de extinção de espécies – e não que isso não seja muito importante. Mas se trata também de relações entre humanos. É inadmissível que, ainda hoje, tenhamos produção de armamentos em todo o mundo, produção que alimenta uma violência obtusa, mesquinha, uma violência por pequenos poderes, poder pelo petróleo, por pedras brilhantes, por posses as mais prosaicas – como um celular.

Até o celular?

Há um filme interessante chamado *Celular Manchado de Sangue*, que conta como os componentes de nossos celulares são retirados de montanhas africanas por crianças, sob a mira de

baionetas. Bem, a gente pode ser feliz com o celular, é um instrumento maravilhoso, que propicia felicidade, as pessoas se fotografam, mandam para os parentes, para os amigos, tudo isso, mas à custa da opressão, da exploração? Precisa ser assim? Não!

O que tem visto de interessante por aí em termos de mobilização e ações coletivas?

Os ciclistas! Acompanhei pelo e-mail a articulação da União de Ciclistas do Brasil, vendo positivamente como é que se colocam posições e como se abre mão delas para continuar a construir estratégias de enfrentamento dessa lógica hegemônica

do carro, de mortalidade de ciclistas nas cidades brasileiras... Então, fiquei muito feliz de ver que no Brasil inteiro há ciclistas de periferia, de centro de cidade, classe alta e baixa, tudo, mas eles conseguem estabelecer um diálogo sobre prioridades, formas de intervenção na realidade, de solidariedade, de socializar experiências. Agora mesmo, um menino em São Carlos defendeu uma dissertação de mestrado sobre ciclovias, socializou no grupo, as pessoas já reagiram... Então, acho que essa hospitalidade, esse sentido de co-operação, meio que software livre, (do tipo) eu produzo e coloco para todo mundo usufruir, faz parte desse ideário ambientalista, dessa lógica, algo que a gente procura ter presente em cada desafio. Outro bom exemplo que vem da rua é a meninada que está cultivando a praça – como os Hortelões Urbanos, em São Paulo. Para que eu preciso ter o meu jardim? Ora, tem o jardim da praça, está largado lá... Eu vou lá e faço, aí vêm os vizinhos: é de todos nós! É difícil? É difícil, porque passa alguém, quebra, estraga, mas tudo bem – faz parte.

O senhor se interessa mais pela natureza ou pela política?

Por ambas, à base de 50%. Talvez 33%, porque acredito ainda ser seduzido pela questão interior, a espiritualidade. É um pouco a postura que Mário de Andrade tinha de encantamento com a vida, de andar pela cidade conversando com as pessoas, olhando para as árvores. Ele dizia que essa era a religiosidade dele – que acredito ser mais correto chamar de espiritualidade. Essa espiritualidade não é ter – é ser. É um compromisso existencial, e o Rubem Alves escreve umas coisas belíssimas sobre o plantio de árvores. Quem planta uma árvore, que para crescer pode demorar 50 anos, provavelmente não verá essa árvore frutificando. Portanto, o seu prazer, o seu compromisso no plantio da árvore, tem uma conexão que vai para além do bem de sentar à sombra e comer o fruto. ■

“Espiritualidade é um pouco como a postura de Mário de Andrade, de encantamento com a vida, de andar pela cidade conversando com as pessoas, olhando para as árvores”

O SOM DAS CORES

Reinterpretar as vibrações de nossa própria natureza é o primeiro passo para evoluir com a natureza – ou sem ela?

texto: Eliane Simões

PERCEBER O VENTO SOPRAR NA PELE E ENXERGAR O SABOR DA BRISA

brilhante que se ouve ao longe. Mistura de sentimentos suaves e penetrantes, que permitem respirar e entender o que importa.

Esse é o desafio que um garoto cego, no documentário *As Cores das Flores*, precisa enfrentar. Auxiliado pela mãe, ele procura entender o processo cognitivo de visualização das cores, que se dá por meio de fotorreceptores cerebrais. Mas é visitando uma área natural que consegue montar sua própria interpretação: há uma cor/flor para cada pássaro!

Nossos sentidos se tornaram cegos. Não sentimos a nós mesmos e nem aos outros. Entregamo-nos à mediação tecnológica e às demandas que criamos a partir dela. Vibramos na frequência do celular.

A reinterpretação das vibrações da nossa própria natureza é o primeiro passo. Sentir a presença do corpo no espaço, o cansaço que a mente imprime em nossos músculos e olhos. Permitir que o ar flua longamente, permeando cada célula. Captar a frequência sutil da vida lá fora, ouvidos impregnando-se de novos matizes, para enxergar a vida, que pulsa e existe antes de nos darmos conta de nossas capacidades humanas.

E por que tudo isso mesmo? Qual era o plano? Até onde será possível prosseguir? Estamos preparados para evoluir com a natureza (ou sem ela)? Teríamos outras opções para produzir água?

É isso que cada um pode encontrar em uma simples trilha na mata. Em seu caminho, a sua resposta. O importante é que cada um se emocione novamente,

reverberar a partir dos pequenos detalhes.

Quando eu era adolescente, costumava olhar para as ruas intensamente urbanizadas e enxergava vales e morros, recobertos de floresta e entrecortados por água cristalina, animais de toda sorte, em toda parte. O contato permanente com a cidade abrangente e permeando tudo me sufocava. Imaginava, com meu amigo Júlio (onde estará ele agora?), fundar outra sociedade, mais justa e amigável, em uma ilha deserta, onde pretendíamos começar tudo de novo.

A compreensão radical de incompatibilidade completa entre sociedade e natureza foi-se modificando. Uma ansiedade vital conduziu minhas várias escolhas seguintes: cursei Biologia, mudei-me para Ubatuba, morei numa vila caiçara isolada e estudei comunidades tradicionais. A vida transparente e autêntica, entre as pessoas e os seres da natureza, me encantava.

Quanto mais compreendia e vivia em meio à natureza, dissecando-a (literalmente), mais entendia a necessidade da recolocação das relações entre os homens, em busca de justiça socioambiental.

Compatível é: sociedade e natureza. Afinal, uma emerge da outra. Mas, a partir dessa relação, o que dizer daquele que não mais sobrevive sem whatsapp, que precisa de “Marianas” e “Belos Montes” para existir?

O que será que as árvores, as flores, o oceano e a terra teriam a dizer-nos sobre isso? Somos capazes de ouvir? Precisamos do estranhamento e, ao mesmo tempo, da comunhão para captar. ■

Eliane Simões

é bióloga e atua como educadora na área de conservação ambiental há 32 anos, dos quais 22 dedicados à gestão de unidades de conservação. Ela participou do processo de planejamento da trilha com desenho universal para a Reserva Natural Sesc em Bertiooga

O **Lixo: menos é mais** é o programa do Sesc São Paulo voltado à minimização da geração de resíduos e à destinação socioambientalmente responsável do que é descartado em suas Unidades





BOAS HISTÓRIAS INSPIRAM E TRANSFORMAM PESSOAS. CONTE A SUA.

Todos os dias, no Sesc, pessoas transformam pessoas.
Chegou a hora do Brasil inteiro conhecer essas histórias.

**Conte uma história de transformação
que aconteceu no Sesc.**

Acesse sesc70anos.com.br